“NEGRO AMOR”

DE GAL COSTA

“(...)A estrada é pra você, e o jogo e a indecência
Junte tudo que você conseguiu por coincidência
E o pintor de rua que anda só
Desenha maluquice em seu lençol
Sob seus pés, o céu também rachou
E não tem mais nada, negro amor
Seus marinheiros mareados abandonam o mar
Seus guerreiros desarmados não vão mais lutar
Seu namorado já vai dando o fora
Levando os cobertores, e agora?
Até o tapete, sem você, voou
E não tem mais nada, negro amor

As pedras do caminho, deixe para trás
Esqueça os mortos, que eles não levantam mais
O vagabundo esmola pela rua
Vestindo a mesma roupa que foi sua
Risque outro fósforo, outra vida, outra luz, outra cor
E não tem mais nada, negro amor...”

***

73

Sandro estava sentado à janela do 3º assento do 7º vagão daquele comboio. As janelas eram altas e ocupavam metade da parte superior do vagão, o que proporcionaria aos passageiros uma visão esplêndida da paisagem exterior, se não seguissem à alta velocidade, transformando a paisagem de capim e árvores numa sequência de riscos horizontais verdes e amarelos.

Todos os assentos brancos, de napa acolchoada, que brilhavam com o reflexo da luz das lâmpadas fluorescentes, embutidas de uma ponta à outra do tecto da carruagem, estavam desocupados, fazendo dele o único ocupante daquele vagão, até ali.

Não conseguia distinguir o aroma agradável que enchia o ambiente, mas lembrava-se, de o sentir quando estivesse perto da sua mãe. O ambiente estava fresco e bem arejado, e ouvia-se a Ópera 9, Nº 2, de Chopin, em volume baixíssimo, o que aumentava a sensação de conforto.

Olhou para os seus telemóveis, pousados por cima da mesa que tinha desembutido das costas do assento à frente do seu. Eram o seu principal instrumento de trabalho, muito mais do que aparelhos de comunicação, e estavam prestes a desligar-se por falta de carga. Olhou à volta, procurando uma tomada, mas não havia nenhuma. E, mesmo que houvesse, ele não tinha carregadores.

O seu dia tinha sido corrido, como todos os anteriores, mas, estranhamente, ao contrário dos outros dias, não se lembrava de nada que merecesse uma reflexão profunda durante aquela viagem de comboio. Sabia que alguns elementos da sua equipa não tinham cumprido as suas ordens e, por isso, tinha perdido alguma coisa muito importante. Não se lembrava exactamente de quem tinha falhado nem do que tinha perdido. Tinha apenas uma certeza: era algo de extrema importância.

"Pelos vistos estou a envelhecer e a minha mente começa a pregar-me partidas", pensou enquanto sentia um leve formigueiro pelo corpo.

"Estou sentado há algum tempo. É melhor levantar-me para desentorpecer." Concluiu, colocando-se de pé. O espaço entre o seu assento e o fim do vagão era insuficiente para estirar os músculos, por isso decidiu entrar no vagão anterior ao seu e, depois, distraidamente, andou de vagão em vagão, embalado pela suavidade do piso azul, alcatifado, até chegar ao 1º vagão.

18

O vagão 1 era diferente do seu e de todos os anteriores, a começar pelos assentos, que eram verde-alface. As janelas eram iguais, mas a iluminação vinha das laterais da carruagem. A temperatura era agradável, mas a música que se ouvia era a Sinfonia Nº 40, de Mozart, e em volume não tão baixo quanto seria o desejo de Sandro.

Sentado na oitava fila, estava o seu pai, vestido de calças e camisa brancas. Do bolso da camisa espreitavam as tampas de três canetas BIC: azul, vermelha e verde. Estranhou um pouco, porque não se lembrava de ter sido informado de que o pai estaria a fazer aquela viagem com ele. Era o filho mais velho e o responsável pelo pai desde que aquele ficara viúvo. Aproximou-se dele e cumprimentou-o:

- Papá, como está?

O pai olhou-o de forma esquisita e voltou a concentrar-se nas irrequietas linhas verdes e amarelas que passavam pela janela. Parecia triste, cansado e mais velho do que na última vez que o vira. Sandro reviveu o último dia em que tinha se sentado, por muito tempo, com a sua família completa: pai, mãe e irmão.

Nesse dia, fora convocado insistentemente para a casa dos pais. Depois de alguns anos a viver na própria casa, Celso, o seu irmão mais novo, tinha voltado a viver com eles, transformado num viciado em drogas, e começava a furtar coisas de casa para vender e poder

sustentar o vício. Os pais precisavam de alguém que tomasse a decisão desagradável que eles não tinham coragem de tomar, para que Celso parasse de dilapidar os bens da família.

A família estava reunida na sala de visitas. No sofá maior, vermelho-escuro, com almofadas em xadrez preto e branco, virado de frente para a enorme TV fixa na parede, estavam sentados, Josefa e Mário, os pais. No sofá de dois lugares, estava Celso, com a sua inseparável mochila preta da Nike, sempre cheia. Sandro estava sentado numa poltrona, de frente para Celso.

- A tua permanência aqui nesta casa está insustentável. Os pais estão sempre a reclamar do desaparecimento de coisas daqui. Para onde é que as levas? – questionou.

Todos sabiam a resposta, mas Sandro tinha esperança de que Celso dissesse algo, qualquer coisa que o fizesse voltar atrás na decisão que já tinha tomado, mentalmente, a caminho dali.

- Como podes ter certeza de que sou eu quem leva? Aqui vêm pessoas estranhas à família todos os dias. A empregada, por exemplo. Já pensaram que ela é que pode estar a levar as coisas? – reclamou Celso.

- Podes ter razão. E nessa pasta? O que levas nela que nunca a largas? – questionou Sandro. – Todos sabemos que não trabalhas nem estudas, e como andas sempre com ela, acabas por nos induzir a pensar que metes as coisas aí.

- Não me trates como se eu fosse uma criança! – gritou Celso. – Sou um homem feito. Um pai de família.

- Que família, Celso?!Inventas de tudo só para desviar o assunto – irritou-se Sandro.

- Mostra logo o que tens na pasta, e acabamos de vez com esta discussão – ordenou a mãe, com voz firme.

- Eu sou adulto e mereço a minha privacidade. Não tenho nada que vos mostrar das minhas coisas. Já percebi que não me querem aqui, vou-me embora – esbravejou Celso, levantando-se.

- Vai mesmo. Se for para sermos assaltados, pelo menos que seja por desconhecidos. Devias ter vergonha de roubar de quem te deu a vida. – gritou Sandro.

Celso caminhou para a porta pisando forte, e fechou-a agressivamente atrás de si. Segundos depois, ouviram o portão a abrir-se e a fechar-se com violência.

Os três permaneceram sentados, imóveis e em silêncio pesado, cortado apenas pela voz do apresentador do telejornal na TV:

"Faleceu ontem, a "Rainha do Soul", Aretha Franklin, aos 76 anos, em sua casa, em Detroit, devido a um cancro no pâncreas avançado (tumor neuro endócrino). Diagnosticada em 2010, ela manteve a doença com discrição, realizando a sua última apresentação em 2017, antes de falecer cercada por familiares e amigos."

Enquanto ouviam a notícia, Sandro viu a sua mãe a desmoronar lentamente: primeiro, num lacrimejar silencioso, ao que se seguiram soluços convulsivos. Instintivamente, ele e o pai correram a abraçá -la, para a confortar. Poucos minutos depois, recomposta, disse:

- Grande voz. Foi-se a mulher, permanece a obra.

Levantou-se, ajustou a capulana na cintura, apertou o lenço que escondia o cabelo de seda acinzentada e caminhou firmemente para a cozinha.

Sandro e Mário entreolharam-se. Sabiam que o choro não tinha sido por causa da cantora, mas sim pelo seu filho, que acabara de ser expulso. Nenhum dos dois comentou sobre isso, e perderam-se em comentários fúteis sobre o *Mundial da Rússia*, que tinha terminado algumas semanas antes, e sobre a grande revelação que tinha sido a selecção da Croácia. O pai de Sandro sabia que, naquela altura da vida do filho, não era dos assuntos que mais lhe interessavam, mas

era preciso falarem sobre qualquer coisa que não fosse Celso, enquanto a mãe servia o jantar da família amputada.

O comboio trepidou, sacudindo Sandro das suas recordações.

- Pai, como está? Não sabia que também estaria nesta viagem – insistiu Sandro.

O pai voltou a olhá-lo com a testa franzida, como se não entendesse o que Sandro dizia. De início, Sandro pensou que fosse por causa da música alta, mas depois concluiu que não estava assim tão alta e que só poderia ser pela mágoa por ele não ter cumprido uma promessa de remodelar a casa do pai. Já passavam mais de dois anos desde que ele fizera aquele pedido, e Sandro nem uma parede se dignara a pintar.

Pegou no telemóvel, torcendo para que não se fosse abaixo antes de terminar a ligação, e ligou para a empresa. Ninguém o respondeu. Deixou uma mensagem:

"Organizem uma equipa... quero que comecem hoje mesmo a trabalhar na casa do meu pai. Ampliem-na e transformem-na na melhor hospedaria/pensão que for possível. Quero isso pronto quando eu voltar; não deve ser difícil."

- Pronto papá. Está resolvido. Até ao fim do mês estará pronta a sua casa de hóspedes – disse Sandro, tentando reconciliar-se com o pai.

Este, em vez de se animar, deixou rolar duas lágrimas indiscretas pela sua face.

- Porque é que estás a falar comigo? – questionou, incrédulo.

Sandro não estava a perceber nada. O pai tanto insistira para que ele ampliasse a sua casa, e ele, sempre muito ocupado com projectos dos clientes importantes, não tinha tempo para o escutar. Prometia que conversariam. E agora, justamente naquele dia em que ele decidira aceder ao seu pedido, perguntava-lhe por que é que estava a falar com ele?!

Os olhos do pai de Sandro cederam e adormeceram, provavelmente exauridos pelas lágrimas que rolavam incessantemente e por terem-no olhado fixamente por muito tempo.

Assumiu que o pai não estava com disposição para conversar com ele; por isso, levantou-se e caminhou, sem pressa, de volta ao seu vagão.

Quando passava pelo 4º vagão, avistou o seu irmão mais novo, sentado na 3ª fila. Estava parcialmente deitado, de olhos fechados, com as pernas ligeiramente esticadas, recostado na cadeira e com os braços cruzados por detrás da nuca. Estava vestido com um fato de treino branco, com barras laterais douradas, peúgas brancas e sem sapatos. Ficou uns segundos a observar o irmão, à distância e em silêncio, e concluiu que ele era a versão masculina da mãe deles.

43

Sandro estava feliz por rever o irmão. Aproximou-se para cumprimentá-lo.

- Há quanto tempo não te vejo! Estás com muito bom aspecto – comentou, sentando-se no lugar vazio ao lado dele.

Celso abriu os olhos lentamente, sentou-se, endireitou as costas da cadeira e exclamou, sarcástico:

- Olhem só quem está aqui, Sandro!

- Como estás? – perguntou Sandro, ignorando o sarcasmo.

Estava sinceramente interessado na resposta a aquela pergunta, pois, recordava-se que, da última vez que o tinha visto, estava a arrastar-se pelas esquinas da cidade de Maputo, consumido pelas drogas e transformado num autêntico mendigo.

Meses depois de ele ter expulsado Celso da casa dos pais, a mãe, como qualquer mãe, não suportando a ideia do seu filho mais novo a viver na rua, obrigara Sandro a procurar o irmão e levá-lo de volta para casa.

- Vai procurar o teu irmão, a família dele precisa dele. Nenhuma criança merece ser órfão de pai vivo!– ordenara a mãe.

Sandro coçara a barba, impaciente.

- Mas, mamã, acreditou que ele tem mesmo família? – perguntou, tentando controlar a impaciência.

- Sim, e tu também devias. A mulher já veio cá se apresentar – respondeu a mãe, convicta, impávida e serena.

O rosto de Sandro estava sereno, mas o levantar e baixar do seu calcanhar inquieto gorava a sua tentativa de transmitir tranquilidade. Ele não podia acreditar que a mãe tinha caído na história do saltimbanco do seu irmão. Sandro não tinha a menor dúvida de que Celso mandara alguma viciada para angariar dinheiro dos pais e sustentar o vício de ambos.

Mas a mãe dele era mãe dele e nada mais restava a Sandro senão obedecê-la.

Tinha andado pelas ruas à procura de Celso, para o levar de volta. Entretanto, ao encontrá-lo vivendo numa casa de papelão, em frente à loja mufundissa, na Mafalala, Celso tinha-se recusado terminantemente a falar com ele e muito menos aceitara voltar para casa. Tinha esbravejado que não precisava da pena nem da ajuda dele. E, quando Sandro tentou insistir e levá-lo à força, os seus companheiros maltrapilhos, com quem dividia pedaços de esquinas e seringas usadas, ergueram-se em violenta e titubeante defesa de Celso. Sandro tinha certeza de que a força débil de todos eles juntos não chegaria nem a metade da sua, mas também sabia que cada um deles tinha escondido, algures, algum objecto contundente que, se acertasse em algum órgão vital, seria mortífero. Por isso, desistiu de levar o irmão e voltou para casa, onde contou à mãe que não tinha conseguido localizar o filho dela.

Nunca soube se a mãe acreditara na sua história, pois ela era a pessoa mais apática que conhecera na vida, e não chegavam a três as vezes que a vira emocionada com alguma coisa e, em todas elas, estava

envolvido o Celso. Só era possível saber o que ela queria ou pensava quando ela falasse, e nunca pela sua reacção ou pela expressão facial.

Alheio e indiferente às preocupações do irmão, Celso manteve-se em silêncio, e nada mais restava a Sandro senão continuar a procurar conversa que o interessasse e lhe desse vontade de falar.

- Sabes que o pai também está neste comboio? Lá no primeiro vagão. Mas olhou-me de um jeito um pouco estranho.

- Motivos não devem faltar-lhe para isso – reagiu o irmão. – O teu comportamento não tem sido menos estranho com as pessoas da tua família, por conta dessa tua empresa bem-sucedida.

As palavras do irmão de Sandro carregavam toda a amargura e desdém que alguém pode sentir e tiveram, para ele, o mesmo efeito de um soco na boca do estômago.

- Não nos podemos comportar estranhamente com os outros e esperar que eles nos sorriam com alegria cada vez que nos reencontrem - continuou o irmão. – A reciprocidade não se aplica apenas às coisas boas.

Sandro olhou à volta. O vagão era igual ao seu e, à semelhança do seu, estava fresco, mas a atmosfera ali era pesada, quase possível de cortar à catanadas, e o cheiro de álcool não a tornava melhor. Não ressoava qualquer música, talvez por não haver colunas de som ou talvez porque todos os ocupantes, excepto eles os dois, dormiam profunda e tranquilamente.

Apesar da dureza das palavras, o seu irmão falava com voz calma e controlada, o que contrastava com o seu frenesim habitual. Sandro sabia o motivo pelo qual o irmão estava ressentido. Os acontecimentos que azedaram definitivamente as relações entre os dois irmãos moravam, bem vívidos, na mente de Sandro.

Era tarde de segunda-feira e hora da pausa para o almoço. O sol brilhava orgulhoso, num dos seus dias mais produtivos, na função de assar e estufar humanos. Normalmente, Sandro não fazia essa

pausa, mas Celso tinha pedido para almoçarem juntos porque, segundo ele, tinha algo de urgente para contar. Sandro estava reticente sobre a possibilidade de o irmão ter alguma coisa importante e urgente para tratar. Mas foi para a casa de Celso e, enquanto conduzia ao encontro do irmão, tentava convencer-se de que não se trataria de mais uma das histórias para lhe *cravar* dinheiro.

O prédio onde Celso vivia ficava na avenida *Eduardo Mondlane*, uma das principais e mais movimentadas da cidade, em frente ao Hospital Central de Maputo, por cima de uma série de lojas. Os *chapas*[1], a fazerem malabarismos em busca de angariar mais passageiros, os outros automobilistas, impacientes, a apertarem buzinas como se disso dependessem as suas vidas e peões a circularem pela estrada, por os passeios estarem ocupados por vendedores informais e *tchovas*[2] de frutas, fizeram com que Sandro tivesse de dar duas voltas ao quarteirão antes de conseguir uma vaga para estacionar o seu carro.

Galgou as velhas escadas de mármore amarelo com pintinhas pretas até ao segundo andar esquerdo, onde tocou a campainha e foi atendido pelo sempre entusiasmado Celso que, depois de abrir a porta de madeira castanha-escura, com o número 4 na porta, o convidou a entrar.

Ao entrar, ficou agradavelmente surpreso com a arrumação e o aroma agradável da sua comida predilecta – massa *espaghetii* com carne estufada e salada de pepino. Não imaginava o seu irmão a conseguir manter uma casa organizada. Nunca o tinha visitado desde que se mudara da casa dos pais, pois estava convencido de que não seria um sítio agradável de se estar, tendo em conta as memórias do quarto desarrumado do irmão.

- A tua casa é aconchegante - comentou, apreciando as paredes cor de pêssego e a mesa de jantar que lhe recordava a sua infância.

1 Transporte semi-colectivo de passageiros.

2 Carrinhos de mão de duas rodas, de tracção humana, usada para transportar bens e produtos, e usados como bancas móveis de fruta.

Cobrindo a mesa, havia uma toalha de mesa com estampas de frutas, mais precisamente cachos de uvas, igualzinha à que a mãe usava nos almoços de domingo da família. Sobre a mesa estavam dispostos dois pratos quadrados e brancos, ladeados por talheres prateados. Dispostas no centro mesa estavam uma terrina e uma travessa, brancas e azuis, e uma saladeira em formato de folhas, com a refeição que seria em breve partilhada pelos dois irmãos, um decantador com vinho tinto e uma fruteira com uvas verdes, banana e maçãs vermelhas.

- Preparaste-nos um verdadeiro banquete! – brincou Sandro, sentando-se numa cadeira branca, igual às outras sete que compunham o conjunto da sala de jantar.

- Obrigado! A ocasião exige – respondeu Celso, agitado, como sempre.

- Sou todo ouvidos - disse Sandro, sem rodeios, lembrando-se do que lhe tinha levado para ali.

- Tenho uma proposta que vais gostar – começou Celso, servindo uma porção do pequeno banquete ao irmão, que aceitou e comeu avidamente.

- Decidi abrir um negócio de revenda de peças sobressalentes de viaturas e, depois do almoço, quero mostrar-te o local onde a loja irá funcionar – continuou, o irmão mais novo, bem-disposto.

- Óptima notícia – respondeu Sandro, desconfiando do que estava por vir. – Já trataste dos documentos desse novo negócio?

- Já estão tratados. Vou buscar – Disse Celso, fazendo menção de se levantar.

- Calma. Vamos comer, beber o vinho que preparaste e comemorar a tua conquista. Depois mostras os papéis – propôs Sandro, querendo adiar ao máximo o pedido que ele tinha certeza que estava por vir e desfrutando do sabor aprazível da comida.

Celso concordou.

- Quando é que aprendeste a cozinhar assim? – perguntou Sandro, servindo-se de outra porção da refeição.

- Não aprendi – respondeu Celso, com um sorriso indecifrável para Sandro.

Depois da agradável refeição, em que a conversa foi amena e descontraída, retiraram a loiça suja da mesa para a cozinha e sentaram-se no sofá de pano alaranjado, na sala de visitas.

- Agora podemos ver os documentos do teu novo negócio – disse Sandro, olhando para o relógio.

O almoço tinha demorado cerca de duas horas. Os seus assuntos profissionais estavam comprometidos com aquela demora, pois ele contava que levaria no máximo uma hora.

"Paciência, vou ter que reprogramar para amanhã."- pensou, acomodando-se melhor no assento. O sofá estava de frente para a janela, de onde era possível assistir à azáfama das pessoas que entravam e saíam do hospital. Era também possível ver algumas pessoas paradas no pátio, à conversa com funcionários do hospital, vestidos de batas verdes ou roxas, e Sandro poderia apostar que não se tratava de amena cavaqueira, mas de focos de extorsão e pedidos do famoso refresco à moçambicana. Sandro sacudiu a cabeça para afastar a indignação por aquelas práticas. Tinha sido educado para ser o homem novo e continuador da revolução moçambicana, e agora que era homem, via o Xiconhoca[3] das revistas Tempo e outras publicações populares da época a reinar, orgulhosamente, em todas as instituições do seu país.

Mergulhado nessa revolta interna, que lhe revolvia o estômago, viu o irmão aproximar-se com um envelope castanho na mão. Recebeu-o e verificou os documentos e, depois de os analisar minuciosamente, voltou a guardá-los e devolveu-os a Celso, enquanto dizia:

3 Personificação do moçambicano imoral, corrupto, inimigo do povo e do desenvolvimento da nação moçambicana, numa figura barriguda e cabeçuda, com notas a caírem pelos bolsos, e outros sinais ostensivos de riqueza, usada frequentemente nos anos 80.